



JUNHO 1999

Ela cura almas torturadas

Inge Genefke penetrara num dos menos conhecidos ramos da medicina

Por LAWRENCE ELLIOTT

MIGUEL LEE, desesperado para se libertar de seus tormentos interiores, foi certo dia a uma clínica no Hospital Universitário de Copenhague, na Dinamarca. Mas, ao ver o jaleco branco de médicos e enfermeiros, começou a tremer.

– Qual é o problema? – perguntou-lhe a Dra. Inge Genefke.

Ele não soube responder. Era uma lembrança por demais dolorosa. No entanto, Miguel conseguiu falar da ansiedade que lhe corroía o estômago, das dores de cabeça que lhe davam a sensação de espigões sendo cravados no crânio e dos pesadelos que o sacudiam, fazendo com que acordasse aos gritos, aterrorizando a família.

A Dra. Inge escutava com atenção. Miguel percebeu seu interesse e sentiu que podia confiar nela. E finalmente lhe falou da ressonante câmara de torturas, noite após noite, quando ligavam com fios sua cabeça a um instrumento, descarregando choques elétricos fortíssimos que lhe atravessavam os ouvidos.

Solidariedade– Para salvar vítimas de governos brutais, a Dra. Inge enfrenta os maiores obstáculos.



A Dra. Inge perguntou o que os jalecos brancos significavam para ele.

– Os médicos usavam jalecos brancos – respondeu. – E havia sempre um médico na câmara de torturas para se certificar de que ninguém morreria. Morrer seria bom demais para nós.

Ele fora um respeitado líder sindical, pai de uma família amorosa. Agora, depois de três anos de encarceramento e tortura pela junta que se apoderou do poder no Chile, em 1973, e de três anos de exílio na Dinamarca, Miguel está arrasado mental e fisicamente.

Os médicos lhe dizem que compreendem toda a terrível extensão da tortura, mas lembram que ela terminou e que é hora de dar prosseguimento à vida.

Todo mundo lhe diz isso. Até agora Miguel não conseguiu fazer ninguém entender que a tortura não termina quando eles param de espancá-lo.

– **M**AS O PIOR não era a dor, era? – indagou a Dra. Inge. – Pior era a culpa e a vergonha que eles o faziam sentir. E você continua a se sentir assim, não é mesmo?

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

A Dra. Inge explicou a Miguel que eles o haviam torturado para quebrar seu espírito, destruir-lhe a fé em si mesmo e garantir que jamais voltasse a ter a coragem de falar abertamente contra eles.

– Nós podemos ajudá-lo aqui – prosseguiu ela. – Mas você precisa

acreditar que nada do que lhe aconteceu na prisão foi culpa sua. Nada! Foi tudo culpa *deles*.

Miguel assentiu calado. Finalmente encontrara alguém que compreendia.

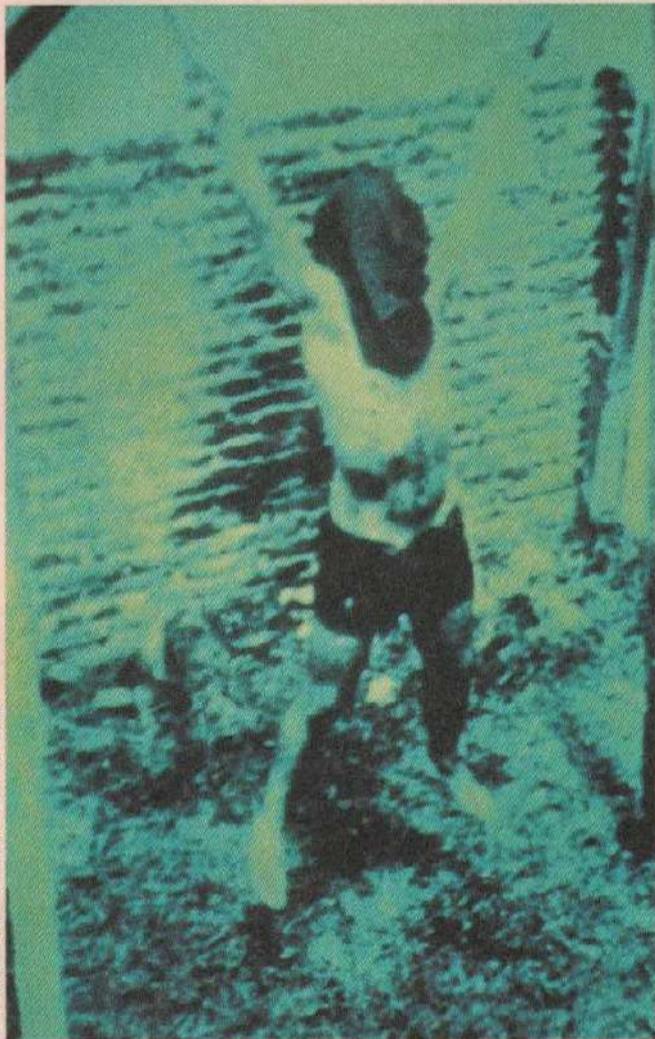
“Há séculos a tortura tem sido um lado negro da história humana”, diz a Dra. Inge. Entretanto, a clínica que ela fundou em 1979 foi a primeira no mundo a dedicar-se especificamente ao tratamento das vítimas de tortura.

Quando a Dra. Inge começou, ainda se acreditava que a tortura estivesse restrita a alguns regimes totalitários, ou mesmo erradicada. Esse flagelo, porém, permanece amplamente difundido. Um terço dos 185 países membros das Nações Unidas pratica a tortura ou tolera seu emprego.

A estarrecedora constatação de que a brutalidade dos calabouços se havia tornado a política de muitos países mudou a vida da Dra. Inge. Determinada a romper a barreira de apatia e ignorância na qual se expandia a tortura, ela organizou seminários, discursou em comícios e arrecadou fundos. Hoje há mais de 100 centros de tratamento de tortura no mundo inspirados pelos seus esforços. A vida de dezenas de milhares de pessoas foi transformada por ela e sua equipe de trabalho. Essa extraordinária realização humanitária fez com que a revista Reader's Digest escolhesse Inge Genefke a Personalidade Européia do Ano.

Essencialmente as mesmas técnicas são empregadas em todo o mundo: o

'Você precisa acreditar que nada do que aconteceu na prisão foi culpa sua. **Nada! Foi tudo culpa deles!**'



© ANISTIA INTERNACIONAL

telefone (tapas violentos e simultâneos nos dois ouvidos), que costuma resultar em ruptura dos tímpanos; estupro ou violação homossexual; tortura elétrica; um método de asfixia (em que se conserva a cabeça da vítima debaixo de água poluída por excrementos humanos, até ela quase sufocar). Uma técnica favorita no mundo inteiro é o pau-de-arara ou alguma de suas versões, em que o torturado, de cabeça para baixo, é espancado na sola dos pés. Em segui-

*Alguns nomes foram trocados para proteger a família das vítimas.

da, às vezes ele é obrigado a andar descalço sobre cacos de vidro.

Quando Ahmad,* líder estudantil no Oriente Médio, foi trazido a Copenhague, ele não conseguia andar. A carne tenra da sola dos pés tinha sido brutalmente espancada, e o tecido macio e as extremidades nervosas acabaram gravemente feridos.

Ahmad passou um ano na clínica. Nesse período, a psicoterapia o ajudou a recuperar o respeito por si mesmo. Após ser tratado com radiologia, massagens e outras formas de fisioterapia, ele saiu do hospital andando, com a ajuda de uma bengala mas sem dor. Hoje, recuperado, Ahmad casou-se e é pai de uma família que está crescendo.

NADA NOS ANOS de formação de Inge Genefke profetizava que ela um dia iria se ver frente a frente com tamanha agonia imposta por um ser humano a outro, ou que seria indicada várias vezes para o Prêmio Nobel da Paz.

Inge cresceu no conforto de uma família de classe média, protegida por pais afetuosos e dedicados contra os aspectos mais cruéis da vida. Seu caminho profissional como especialista em neurologia parecia definido, até que ela e três outros médicos atenderam a um apelo da Anistia Internacional para examinar prisioneiros políticos do infame governo dos coronéis gregos.

Eles tinham sido torturados, mas alguns com perícia tão diabólica que não havia quaisquer ferimentos visíveis, e apenas exames de raios X e testes laboratoriais revelavam as graves lesões internas. Profundamente comovida pelo sofrimento deles, a Dra. Inge começou um estudo pioneiro sobre usos e conseqüências a longo prazo da tortura, e o tratamento médico das vítimas.

“No início”, conta ela, “pensávamos que íamos apenas ‘remendá-los’, consertar os ossos quebrados e mandá-los de volta para casa. Logo, porém, percebemos que era a dor que sentiam no coração e na alma que os estava aniquilando.”

Uma angustiante e antiga lembrança reforçava sua compreensão: um amigo de seu pai, torturado pela Gestapo, ao voltar para casa era um homem diferente, abatido, introspectivo, perseguido por demônios secretos.

E ela agora percebia a mesma síndrome naqueles que procuravam sua ajuda.

Inge Genefke havia penetrado num dos ramos menos conhecidos da medicina. Ela e seu pequeno grupo, trabalhando em algumas salas e leitos que lhes haviam sido reservados no Hospital Universitário, lançaram-se numa busca – cheia de interrupções, repleta de tentativas e erros – por maneiras de curar os sobreviventes da tortura institucionalizada.

Com o tempo, os estudos e os princípios clínicos de um programa de reabilitação seriam partilhados

com centros de tratamento no mundo todo. Cada sintoma médico tangível é tratado por especialistas em todos os ramos da medicina dinamarquesa. Muitos dos pacientes acreditam no que seus captores lhes disseram: que a tortura os deixou incapacitados, acabados, vivendo apenas o tempo de uma sobrevida. Por isso todos os sintomas são verificados, todas as doenças presumivelmente fatais investigadas, e quase sempre refutadas. Tendões e ossos atingidos são tratados com medicamentos, fisioterapia e cirurgia.

Contudo, como diz a Dra. Inge, é mais fácil consertar ossos quebrados do que ânimos combalidos. Um estudo revelou que de 100 vítimas polonesas da tortura stalinista 75 ainda padeciam de sintomas de severos distúrbios de estresse pós-traumático, ou eram pessoas cronicamente desesperançadas, quarenta anos depois.

No Nepal, M., uma operária de vinte e poucos anos, é sumariamente presa, espancada com fuzis e estuprada por quatro policiais antes de perder a consciência. Acusada de prostituição, é transferida de uma cidade a outra, achincalhada verbalmente em público e repetidamente violentada por policiais. Um mês depois ela é libertada – e ameaçada de morte caso recorra a alguma via legal.

Sofrendo de sangramento constante, noites insones e pânico avassalador sempre que vê um homem uniformizado, ela finalmente procura o Centro

Eles tinham sido torturados com perícia tão diabólica que não havia sinais visíveis das graves lesões internas.

© ANISTIA INTERNACIONAL



Nepalense para Vítimas de Tortura, afiliado ao Conselho Internacional de Reabilitação para Vítimas de Tortura, da Dra. Inge. Seu tratamento demora 16 meses e a faz reviver todo o pesadelo antes que possa livrar-se dele.

– É normal sentir vergonha – garante-lhe a terapeuta –, mas a vergonha não é sua. Ela cabe aos que fizeram isso a você.

A família da jovem também precisa de ajuda para entender sua condição. E isso leva tempo, assim como o longo e doloroso tratamento. Enfim, ela e a família conseguem superar a culpa, a vergonha e o desespero.

EM 1982, Inge Genefke abriu mão de seu cargo no Hospital Universitário para montar o Centro de Reabilitação e Pesquisa para Vítimas de Tortura. Três anos depois, a fim de manter uma rede de assistência mútua com o número crescente de centros similares no mundo,

ela organizou a matriz internacional da entidade, o Conselho Internacional de Reabilitação para Vítimas de Tortura, do qual se tornou secretária-geral e diretora médica.

Apesar da atrocidade mundial que é a tortura, muitos dos centros inspirados pela

Dra. Inge recebem pouca ou nenhuma assistência de seus governos. Ela, porém, possui habilidade incomum para conseguir que profissionais talentosos abracem sua causa. Um deles declarou: “A pessoa nem se dá conta de como acontece. Num minuto você tem um certo tipo de vida; no instante seguinte, chega aquele turbilhão que é Inge Genefke, e você já faz parte da equipe dela.”

Entretanto, há ocasiões em que a tarefa parece impossível. Ela sabe que existe um exército fantasmagórico de sobreviventes da tortura em vários lugares, saídos de prisões comunistas no mundo inteiro, de ditaduras militares na América Latina ou vítimas de levantes na Ásia, na África e no Oriente Médio. Os cenários podem diferir, mas o número de vítimas aparentemente está aumentando, e os esforços da Dra. Inge às vezes parecem insignificantes, pequenos. “É como se eu estivesse ten-

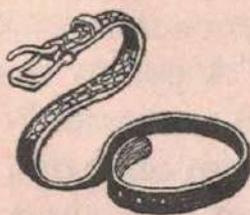
tando escalar um monte que não pára de crescer”, explica ela.

Foram necessários meses de hospitalização e anos de reabilitação e terapia holística para que Miguel Lee se recuperasse inteiramente. Hoje, porém, ele tem um emprego estável e, com nove netos, leva uma vida familiar plena e gratificante. No fim, a junta militar chilena não conseguiu derrotá-lo. Embora fale dinamarquês e esteja bem integrado em sua nova terra, Miguel passa grande parte das horas livres trabalhando pela preservação das liberdades democráticas que o Chile reconquistou contra a ditadura militar.

Às vezes Inge Genefke precisa isolar-se e passar uma hora lendo poesia, para renovar a alma. Entretanto, quando vê um homem como Miguel Lee voltar do mundo dos mortos-vivos, quando sabe que seu trabalho ajudou a salvar da morte e da incapacidade algumas das melhores pessoas desta geração, ela se sente pronta para enfrentar o mais alto dos montes.

International Rehabilitation Council for Torture Victims (IRCT), Borgegade 13, P.O. Box 2107, DK-1014 Copenhagen K, Denmark. Internet: www.irct.org.

SITUAÇÕES SINGULARES



Assim que me mudei, ouvi as garotas no prédio queixando-se de serem paqueradas na lavanderia automática. No entanto, uma das moças – que parecia ser a mais atraente – não tinha queixa alguma. Pouco depois eu estava na lavanderia quando essa garota bonita chegou. Logo ficou evidente por que ninguém a chateava: no seu carrinho de lavanderia ela havia pendurado uma enorme calça de homem.

–TOM WITMAN, EUA

Fui à delegacia resolver um problema com meus documentos quando uns policiais chegaram trazendo um adolescente.

– Sabe quem é meu pai? – gritou o garoto.

O detetive de plantão debruçou-se sobre a mesa e respondeu:

– Acho que não, mas já tentou perguntar à sua mãe?

–FRANCES AGHAYERE, Grã-Bretanha

Um amigo meu estava num clube, certa noite, quando viu que uma garota bonita olhava para ele, do outro lado da sala. Displicente, pegou sua garrafa de cerveja e foi caminhando para ela. No meio do caminho parou para tomar um gole. Foi aí que se deu conta de que não estava com uma garrafa na mão: tinha pegado um vidro de *ketchup*.

–REGINA GARVIE, EUA